



## POR QUE ESCREVER EM LÍNGUAS DE SINAIS?

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo mostrar a importância da escrita de sinais (ELiS) como ferramenta semiótica acessível para o processo de ensino-aprendizagem de línguas de sinais. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem por objetivo enfatizar a importância da escrita como meio de comunicação, bem como sua importância no campo de pesquisas que envolvam ensino e transcrição de dados em línguas de sinais. Os resultados sugerem que a escrita é uma importante ferramenta para o processo de apropriação de línguas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita. Libras. Escrita de sinais (ELiS).

**ABSTRACT:** This paper aims at showing the importance of sign language writing (ELiS) as an accessible semiotic tool for the teaching-learning process of these languages. This is a bibliographical research, which aims at emphasizing the importance of writing as a means of communication, as well as its importance in the field of research involving teaching and transcription of data in sign languages. The results suggest that writing is an important tool for the process of language appropriation.

**KEYWORDS:** Writing. Brazilian Sign Language (Libras). Sign Language Writing (ELiS).

*Why write in sign languages?*

### **GUILHERME GONÇALVES FREITAS**

Graduado pela Universidade Federal de Goiás (UFG) no curso de licenciatura em Letras: Libras e Especialista em Linguística das Línguas de Sinais, pela UFG. Atualmente é mestrando em Estudos Linguísticos pela UFG e graduando do curso de Pedagogia Bilíngue pelo Instituto Federal de Goiás (IFG). Tem experiência com ensino de Libras e ELiS.

### **FRANCISCO JOSÉ QUARESMA DE FIGUEIREDO**

Professor Titular de Língua Inglesa pela Universidade Federal de Goiás. Graduado em Letras Português e Inglês e Mestre em Linguística pela mesma Universidade. Doutor e Pós-Doutor em Linguística Aplicada (LA) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de LA, com ênfase nas seguintes áreas: ensino e aprendizagem de línguas, correção, erros, crenças, telecolaboração e formação de professores.

### **MARIÂNGELA ESTELITA BARROS**

Professora de Linguística e Libras/ELiS na Universidade Federal de Goiás nos cursos de Letras: Libras e de Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português. Graduada em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Goiás e Mestre em Linguística pela mesma universidade. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e Pós-Doutora em Linguística pela University of Chicago. Tem experiência na área de língua de sinais, com ênfase em: ensino de Libras/ELiS, fonética e fonologia de línguas de sinais. Criadora do sistema brasileiro de Escrita das Línguas de Sinais, ELiS.

Recebido em 27/12/2018. Aprovado em 03/03/2019.



## 1. INTRODUÇÃO

Como professores, sempre vemos a necessidade de trazer para as aulas algo que possa permitir que os alunos aprendam de forma eficaz a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Assim, atuando como docentes e realizando pesquisas nessa área, notamos que a utilização da escrita de sinais, em sala de aula, tem sido uma ferramenta pouco utilizada pelos professores de Libras quando estão ensinando algum conteúdo. Observamos também que são poucos os alunos que fazem o uso desse sistema de escrita para registrar as informações que são aprendidas no decorrer das aulas de Libras.

Outro fato que observamos, que também se desdobra nessa mesma situação, é a pouca utilização da escrita de sinais para registrar os dados de pesquisas em que a língua de sinais (LS) está sendo analisada. Observamos, por exemplo, que, no Brasil, em muitas pesquisas que apresentam dados de entrevistas ou interações em línguas de sinais, os registros utilizados são, na grande maioria, em língua portuguesa. Outro fato que também nos chama a atenção são as descrições utilizadas em apostilas de Libras, muitas vezes com informações muito complexas e descrições dos sinais muito extensas e pouco precisas, ou, o que é mais comum, a representação de um sinal apenas por uma glosa e uma imagem.

Por entendermos essa problemática e por considerarmos que a escrita é uma importante ferramenta que potencializa a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo dos aprendizes, procuramos, neste texto, apresentar a relevância da escrita como instrumento motivador para a aprendizagem de línguas, bem como o alcance dela para a promoção de conhecimento, registro e ampliação da memória e comunicação.

Para esta pesquisa, foi utilizado como método de abrangência a revisão bibliográfica, por meio da leitura de artigos em periódicos e de livros que elucidam a importância da escrita no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Lakatos e Marconi (2003, p. 158) afirmam que

[a] pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes



de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações.

Este artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, trazemos, de um modo geral, o papel da escrita como meio de comunicação. Na segunda seção, apresentamos a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS). Na terceira, tratamos da finalidade de se escrever em ELiS. Finalmente, na última parte, apresentamos algumas considerações sobre o uso da escrita de sinais como instrumento de ensino-aprendizagem de línguas de sinais.

## **2. A ESCRITA COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO**

A comunicação humana é hoje construída essencialmente por diferentes formas de se expressar. A escrita, por sua vez, está entre as maiores criações da história humana, configurando-se como um tipo especial de linguagem. Além disso, a escrita é um dos vários meios de expressões que dão acesso direto ao mundo das ideias, pois permite registrar desde recados mais simples deixados na porta da geladeira a textos mais sofisticados, como uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado, por exemplo.

Fernandes (2013, p. 44) afirma também que

[a] escrita faz parte de nossa civilização, sendo usada como meio de comunicação, em todos ou quase todos os lugares. É usada em casa quando se deixa um bilhete avisando a um familiar que vamos sair para algum lugar, nos supermercados, farmácias, ruas, lojas, nas escolas com os livros didáticos, no quadro negro usado pelo professor e em inúmeros outros lugares que usam este sistema como forma de comunicação.

Assim como a comunicação oral possibilita aos seres humanos diferentes canais de comunicação para se expressarem, a escrita também tem a mesma capacidade de oportunizar à sociedade diferentes maneiras de se expressar. Escrever é uma atividade necessária, pois além de ampliar o processo comunicativo, cria possibilidades para que as pessoas possam pensar, refletir, criar e (re)criar enunciados.



Lindemann (1982, p. 11 apud FIGUEIREDO, 2005, p. 21) define a escrita “como um processo de comunicação que usa um sistema gráfico convencional para transmitir uma mensagem ao leitor”. Figueiredo (2005, p. 26) ainda acrescenta que “a escrita é, portanto, um processo cíclico de geração e de integração de ideias. Escrever significa expressar ideias, transmitir significado. Mais do que isso, escrever significa pensar”. Dessa forma, escrever é mais do que registrar ou comunicar informações, escrever é uma forma de ampliar nossas habilidades cognitivas, pois o ato de escrever demanda esforço e concentração.

Desse modo, a língua escrita possui, além da função comunicativa, a função de constituir o pensamento (ARAÚJO; FIGUEIREDO, 2015). Silva (2008, p. 28) nos esclarece que

[a] língua escrita é um recurso semiótico capaz de impulsionar positivamente o desenvolvimento do pensamento, motivo pelo qual é imprescindível para o registro, sistematização e armazenamento de ideias, valores, conceitos, formas de ser e agir. É também um canal aberto ao conhecimento por meio da prática da leitura.

Como podemos observar por essas definições, a escrita tem um papel importante na sociedade por ser uma forma de comunicação e de registro de fatos, além de colaborar para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. O registro gráfico pela escrita é uma atividade habitual nos dias atuais, pois se configura como um processo de comunicação eficiente, rápido, econômico e fácil.

A escrita aumenta as chances de os aprendizes estarem mais próximos do conteúdo ensinado em sala de aula, pois ela “permite a comunicação com os outros, por meio de desenhos, gráficos, mapas, palavras, frases e textos. Também permite representar as situações – relatá-las, descrevê-las, defendê-las – em geral para um destinatário, mas também para si mesmo” (FAYOL, 2014, p. 33).

Em sala de aula, por exemplo, escrever é um dos principais recursos utilizados pelos professores quando estão ensinando algum conteúdo, ou quando querem registrar alguma informação importante que aconteceu em sala de aula. Nas palavras de Araújo e Figueiredo (2015, p. 4), “através da escrita, o indivíduo tem a oportunidade de reforçar algum conteúdo já estudado, como um item gramatical ou



palavras de vocabulário, como também pode ter a oportunidade de expor seus pensamentos e ideias”.

Com base nessas argumentações, podemos concluir que a escrita possibilita acesso ao mundo das ideias e permite criar novos caminhos de comunicação direta ou indireta, além de apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo. É impossível, hoje em dia, pensarmos nosso dia a dia sem a escrita, pois é um instrumento que está articulado em diferentes linguagens e materiais.

As definições sobre escrita, apresentadas anteriormente, são plausíveis e certamente a mostram como uma ferramenta imprescindível para nossas relações cotidianas. Essas relações podem ser expressas por diferentes conjuntos de sinais. Dessa forma, na seção seguinte, apresentamos a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), que nos possibilita registrar qualquer língua de sinais por meio de “letras” e regras próprias.

## **2.1. A escrita das línguas de sinais**

Na história recente das línguas de sinais, alguns sistemas de escrita foram criados para representá-las. O primeiro de que se tem notícia é a “Mimographie”, criada por BÉBIAN em 1825, na França (BÉBIAN, 1825). Até pouco tempo, a língua de sinais era considerada uma língua sem sua representação escrita. Atualmente, existem algumas propostas de escritas das línguas de sinais, como: o SignWriting<sup>1</sup>, sistema de escrita americana, criado por Valérie Sutton no ano 1974, chegando ao Brasil no ano de 1990 (STUMPF, 2005); o HamNoSyS (Hamburg Notation System), sistema de escrita alemã, criado em 1984 (VAN HERREWEGHE; VERMEERBERGEN, 2012); o sistema de Stokoe, criado em 1965 por Willian Stokoe. No Brasil, três sistemas de escrita foram criados por linguistas brasileiros.

O SignWriting, criado pela americana Valérie Sutton, em 1974, chegou no Brasil em 1996. No entanto, pesquisas mostram que antes do surgimento do SW,

---

<sup>1</sup> Para aprofundamento deste assunto, acesse: <<http://www.signwriting.org/>> e <<http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>>, com texto em português escrito por Ronice Müller de Quadros.

<sup>2</sup> <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>, veja, por exemplo, Barros (2015) escrito por Ronice Müller de Quadros.



existia o DanceWriting que era uma proposta de escrita que registrava movimentos da dança. Essa estratégia em registrar os movimentos do corpo chamou a atenção de linguistas da Universidade de Copenhagen, que, interessados pela criação “simbólica” em registros escritos, buscou adaptá-los para as línguas de sinais e, dessa forma, surgiu o SW, sistema desenvolvido a partir da concepção do DanceWriting.

A partir daí, os trabalhos envolvendo a escrita de sinais despertou a atenção de diversos pesquisadores, inclusive pesquisadores brasileiros, que, a partir do ano de 1996, no estado do Rio Grande do Sul, começou a utilizar o sistema SignWriting, e, com isso, a escrita de sinais passou a ser considerada uma modalidade de representação de escrita da língua de sinais (BARROS, 2015; STUMPF, 2005).

Em 1997, a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS) foi proposta pela professora pesquisadora brasileira Mariângela Estelita Barros. Em 2011, o sistema de escrita SEL (Sistema de Escrita para Língua de Sinais) foi desenvolvido pela professora Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira, do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (Dell) da UESB. Recentemente, Claudio Benassi criou a VisoGrafia, um sistema de escrita de sinais que se utiliza de caracteres da ELiS e do SignWriting (SW) (BARROS, 1998; BENASSI, 2018; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012).

A proposta de escrever em sinais, que originou o sistema ELiS, surgiu no início dos anos 1990, nos corredores da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, onde então Mariângela Estelita Barros, estudante de graduação de Letras Inglês/Português, soube de um curso livre de Libras, que estava abrindo sua primeira turma. O curso era ministrado por professores surdos e ouvintes, além de membros da comunidade surda, que haviam sido convidados pelos docentes da universidade. Impactada pela maneira como os surdos se expressavam, Barros matriculou-se no curso de Libras e, mais tarde, tornou-se defensora e membro da comunidade surda (BARROS, 2015).

Apesar de ser fluente em quatro línguas orais, Barros sentiu dificuldade no início da aprendizagem da Libras e resolveu desenvolver uma estratégia que facilitasse esse processo. Conforme relata a autora,



toda vez que eu abaixava a cabeça para escrever algo, eu “desligava” o professor, mas desligava só para mim, pois as explicações continuavam para o restante da turma e eu as perdia; o segundo era que mesmo que eu conseguisse anotar alguma coisa, a anotação não seria feita em Libras, o que a tornava muito extensa e inexata, pois precisaria ser uma descrição em português, um desenho, ou algo que me servisse de recurso mnemônico para o que estava aprendendo com grande dificuldade. (BARROS, 2015, p. 16).

Apesar das dificuldades encontradas, sua iniciativa em escrever os sinais fez “germinar” um sistema que, posteriormente, ao ser mais desenvolvido e aprimorado, resultou no que hoje conhecemos por Escrita das Línguas de Sinais (ELiS).

Podemos afirmar que a história da ELiS pode ser dividida em três momentos: em 1995, quando Mariângela entrou no programa de Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG), tendo como título de trabalho: *Proposta de Escrita da Línguas de Sinais*; em 2005, quando ingressou no programa de Doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo como título de trabalho: *ELiS - Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática*; e, a partir de 2009, quando se iniciou o processo de viabilização da escrita ELiS no meio acadêmico e até hoje tem tido uma grande repercussão na comunidade surda (FERNANDES, 2013, 2015).

A primeira fase surgiu do seu primeiro contato com a língua de sinais. A pesquisadora teve de romper várias barreiras para aprender aquela língua e, com a sua pesquisa de Mestrado, propôs criar símbolos para registrar os sinais/palavras em Libras. Tais símbolos baseavam-se em sua criatividade para representar cada sinal da Libras. Após ter criado mais de 280 símbolos, a autora resolveu voltar a um sistema de escrita alfabética, que, além de ser mais econômico, o tornaria mais flexível para a comunidade em geral. Após identificar os aspectos que configuravam sua escrita, a pesquisadora resolveu se apoiar na escrita alfabética, e, após sua visita à Gallaudet University, nos Estados Unidos, pôde conhecer o SignWriting, e o sistema de William Stokoe, sendo que este último serviu de base para o sistema de escrita ELiS. Em 1998, a ELiS chegou à sua primeira versão, apresentada em sua dissertação, a qual trazia ainda o primeiro texto escrito em ELiS, o hino da Associação de Surdos de Goiânia (BARROS, 2015).



Durante um tempo, a ELiS passou por um estado de “paralisação” e somente tornou a aparecer em 2005, quando, então, a pesquisadora e já mestre ingressou no programa de Doutorado pela UFSC. Inicia-se, então, a segunda fase de desenvolvimento e aprimoramento da ELiS, que teve como proposta resgatar todo o trabalho desenvolvido até o ano de 1998. Em sua pesquisa de Doutorado, Barros teve como objetivo viabilizar a escrita de sinais, tendo em vista um sistema eficiente. Porém, existia a necessidade de provar a eficácia desse sistema na prática. Foi então que, no ano de 2007, o sistema foi ensinado para alunos surdos do curso de Letras: Libras da UFSC e, ao longo dessa fase, a escrita passou por algumas adequações quanto à estrutura, e algumas reflexões linguísticas possibilitaram a criação de várias regras. Após a conclusão do Doutorado, em 2008, marcou-se o fim da segunda fase (BARROS, 2015).

Em 2009, entramos na terceira fase, que foi marcada pelo uso sistematizado da ELiS no meio acadêmico. Nesse mesmo ano, a UFG abriu o primeiro vestibular para o curso de Letras: Libras. Neste curso, a ELiS é um componente curricular obrigatório, sendo seu conteúdo ministrado em três semestres, o que se perdura até hoje.

Enquanto sistema de escrita, a ELiS tem ganhado espaço em vários congressos na área da linguística e educação, como também vem sendo divulgada nas Associações de Surdos, Centros de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), escolas estaduais e municipais da grande Goiânia, e em escolas particulares de Libras, como a escola Chaplin, além de estar como disciplina optativa no curso de Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Goiás – campus Aparecida de Goiânia (BARROS, 2015) e conteúdo obrigatório no curso de Letras: Libras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Atualmente, há muitos estudos que têm colaborado para a divulgação da ELiS. Entre eles, destacam-se o primeiro livro escrito por Barros (2015), que explica o sistema, bem como o estudo realizado por Fernandes (2015), em que o autor registrou 20 línguas de sinais usando a ELiS. Além disso, seu uso em diversos tipos de textos tem colaborado para a expansão desse sistema, como, por exemplo, a



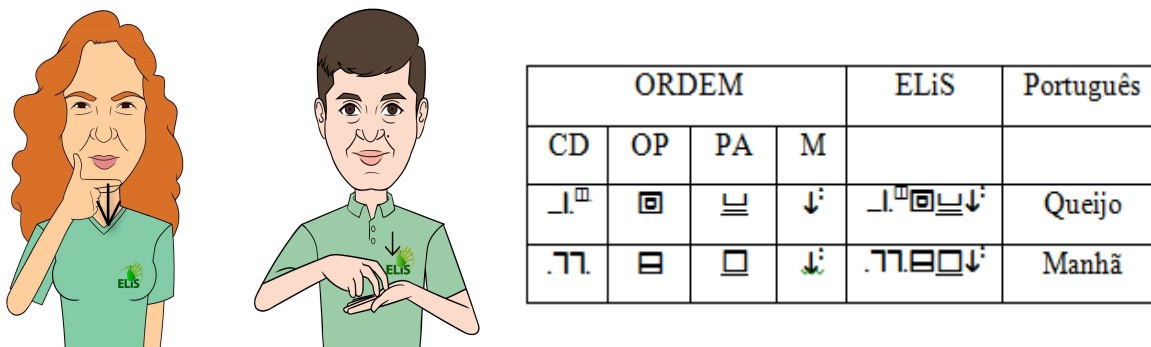


escrita de narrativas, contos, histórias em quadrinhos, traduções de dicionários, monografias e resumos acadêmicos (BARROS; FERNANDES, 2017; BENASSI, 2014; FERNANDES; CAMARGO, 2017; FERNANDES; VIANA-SILVA; EL KHOURI, 2018; OLIVEIRA-SILVA, 2017; SPICACCI; BARROS, 2018).

A ELiS é um sistema<sup>2</sup> de escrita linear, com direção da esquerda para a direita, que apresenta 95 caracteres, os quais são denominados visografemas. É uma escrita econômica, no que se refere aos visografemas e às regras de combinação entre eles, os quais permitem grafar e registrar enunciados em qualquer língua de sinais. Guarda semelhanças com textos em línguas orais, pois utiliza alguns de seus símbolos, como sinais de pontuação e numerais, além de aspectos de formatação, como indentação de parágrafo, centralização de título, marcação de tópicos e outros.

Na Figura 1, a seguir, apresentamos, os sinais ‘QUEIJO’ e ‘MANHÃ em Libras nas modalidades sinalizada (representada pelo desenho) e escrita, por meio da ELiS.

**Figura 1:** Sinais em Libras



**Fonte:** Elaborado pelos autores deste texto

Para escrever qualquer palavra/sinal utilizando o sistema de escrita ELiS, primeiramente devem-se observar a configuração de dedos (CD), a orientação da palma (OP), o ponto de articulação (PA) e, se necessário, o grupo de movimento (M).

<sup>2</sup> Para mais detalhes sobre o uso dessa escrita, veja, por exemplo, Barros (2015).



O grupo de CD corresponde à posição em que os dedos se encontram para realização de um sinal e se subdivide em dois grupos: visografemas de polegar (5); e visografemas de demais dedos (4), tendo 1 visografema em comum entre eles, num total de 10 letras. O grupo de OP corresponde à posição da palma, podendo estar para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para frente e para trás, num total de 6 letras. O grupo PA é representado por 35 letras e refere-se aos pontos de articulação em que são realizados os sinais. O grupo M, por sua vez, contém 44 letras que são responsáveis por representar o movimento dos braços, dos dedos, da cabeça, do tronco bem como expressões faciais.

### **2.1.1. Escrita de sinais: por quê?**

Alguns sistemas de escrita de sinais foram criados com o intuito de se tornarem escrita cotidiana, sendo alguns exclusivos para uso com determinada língua de sinais, mas a maioria pode ser usada com qualquer uma.

Apesar da quantidade de sistemas já apresentados, escrever em língua de sinais ainda é um tabu para muitas pessoas surdas e também para pessoas ouvintes que usam línguas de sinais. Essas pessoas costumam argumentar que as línguas de sinais são naturalmente sinalizadas e que escrever é “coisa de ouvinte”. No entanto, essas mesmas pessoas utilizam a escrita de uma língua oral cotidianamente. Além disso, afirmam, também, não precisam da modalidade escrita para fazer registro de língua de sinais, pois, com os avanços tecnológicos, é possível capturá-las em vídeo com muito mais facilidade, agilidade e “precisão”.

Alguns desses relatos marcam, negativamente, o uso da escrita de sinais tanto nos espaços educacionais, onde os alunos poderiam, por exemplo, fazer o uso da escrita para aprender Libras, como também os pesquisadores, que poderiam fazer os registros de pesquisas que usam LS utilizando um sistema de escrita que a registre como tal.

Muitas vezes, ao interagir com os surdos, nos deparamos com falas do tipo: *não preciso escrever – pois consigo utilizar os meios tecnológicos para expressar naturalmente; escrever não é importante – pois isso é coisa de ouvinte*. Esse tipo de



discurso, no entanto, reflete um pensamento muito radical e, ao mesmo tempo, não valoriza a língua de sinais como um todo. A utilização dos meios tecnológicos não substitui a língua escrita, pois o registro escrito ocupa espaços sociais diferentes do registro por vídeo.

Em sala de aula, por exemplo, os alunos podem fazer o uso da escrita de forma autônoma, utilizando apenas lápis e um pedaço de papel. Essa facilidade não é encontrada quando os alunos querem utilizar o recurso de vídeo, visto que, para se gravar qualquer enunciado, é necessário um dispositivo eletrônico. O mais popular atualmente é o celular, mesmo assim, não é acessível a todas as pessoas e requer uma memória considerável para armazenar todos os arquivos desejados. Além disso, a captura em vídeo com qualidade exige, no mínimo, uma boa câmera e um espaço adequado, com boa iluminação e plano de fundo neutro. Ainda assim, mesmo que se consiga atender a todos esses requisitos, a busca por uma informação específica em vídeo é normalmente mais demorada do que em material escrito.

O uso da escrita durante as aulas de línguas de sinais pode trazer algumas vantagens em relação ao uso de vídeo, como na identificação pelos alunos dos traços linguísticos relevantes dos sinais que estão sendo aprendidos, na reflexão sobre a organização frasal em LS e na fixação da aprendizagem de novos sinais.

Quanto ao segundo argumento apresentado por alguns surdos: *Escrever não é importante – pois isso é coisa de ouvinte*, devemos enfatizar que a língua escrita é tão importante quanto à língua sinalizada para o desenvolvimento da aprendizagem de qualquer língua de sinais. A interação por meio da escrita faz com que os alunos pratiquem e reflitam sobre a língua que estão estudando. Usar a modalidade escrita de uma língua não é “coisa de ouvinte”, nem mesmo “coisa de surdo”, mas uma forma necessária para ampliar o conhecimento de qualquer ser humano.

No livro *Fundamentos da Defectologia*, Vygotsky (1983) defende que se devam usar todos os meios de comunicação (língua oral, língua escrita e língua sinalizada) para que se garanta qualidade na educação dos surdos e sua inclusão no meio social. Além do mais, a escrita favorece o desenvolvimento das funções



mentais superiores<sup>3</sup>, pois trata-se de uma atividade que é aprendida dentro de um contexto social, histórico e cultural, que permite ao aprendiz, juntamente com a leitura, ter acesso a novos conhecimentos e a produzi-los, e, assim, desenvolver-se (VYGOTSKY, 1998).

A escrita de línguas de sinais poderá ter um papel relevante na vida escolar de crianças surdas, pois, ao aprenderem a escrever, necessariamente realizarão reflexões metalinguísticas (mesmo crianças muito pequenas), o que as leva a desenvolver uma maior consciência fonológica sobre a língua que estão escrevendo (FAYOL, 2014). Além disso, poderá auxiliá-las no momento de aprendizagem da modalidade escrita de uma língua oral, pois já terão desenvolvido as operações mentais implicadas no processo de leitura e escrita em uma língua que lhes é totalmente acessível, uma língua de sinais.

Escrever em língua de sinais também levaria à produção de mais materiais nessas línguas, ajudando ainda mais na sua divulgação e expansão. As línguas de sinais poderiam estar presentes em quaisquer espaços possíveis a uma escrita, os quais são atualmente dominados exclusivamente pelas línguas orais (letreiros, rótulos, documentos, dicionários, livros científicos, literatura, gibi, bulas de remédio etc.).

Outro fato relevante é que as pesquisas linguísticas sobre línguas de sinais sempre enfrentaram um grande problema que é o registro e apresentação dos dados (VAN DER HULST; CHANNON, 2010). Geralmente, os dados são registrados em glosas, uma forma de registro que se utiliza da língua oral. Ao tratar das glosas em inglês, Battison (1978, p. 38) afirma que “[a] glosa é simplesmente uma tradução comum do sinal para uma palavra em inglês, e as propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas da palavra e o sinal correspondente não coincidem

---

<sup>3</sup> Vygotsky (1998) argumentava que o desenvolvimento humano resulta do entrelaçar de duas linhas: (1) uma natural, que tem por base os processos biológicos de maturação; e 2) uma cultural, que tem por base o domínio e o uso de meios culturais. Essas duas linhas representam, respectivamente, as funções mentais elementares e superiores.



necessariamente”<sup>4</sup>. Ou seja, utilizando-se um sistema de glosas, muito se registra *sobre* a língua de sinais, mas não se registra a própria língua de sinais. Mesmo assim, esse ainda é o meio de registro mais utilizado para a apresentação de dados de pesquisas que envolvem LS.

McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 265) afirmam ainda que “o processo de transcrever a língua por meio de símbolos discretos e limitados promove uma “redução” ou simplificação dos dados”. Para eles, “a escrita (seja ela impressa ou digital) ainda é, de longe, o instrumento mais utilizado em todo o mundo, justamente pela simplificação e padronização que atinge”.

Ao enfatizar a importância da escrita de sinais para os surdos, Fernandes (2013, p. 16) afirma que

[a] ELiS tem o objetivo de dar ao sujeito surdo o direito de se expressar em sua própria língua, além da possibilidade de se registrar qualquer documento na modalidade escrita em sua própria língua, no caso, em sua L1, dando às línguas de sinais uma maior independência e visibilidade.

A utilização da ELiS por aprendizes ouvintes também pode ser compreendida como um benefício para quem sempre escreveu e está aprendendo uma língua de sinais. Essa independência linguística é importante para alunos que estão iniciando o processo de aprendizagem de LS, pois eles podem, por exemplo: memorizar o conteúdo, identificar elementos linguísticos presentes na língua (posição de dedos, da palma, ponto de locação e movimento); adquirir fluência e autonomia de aprendizagem, fazer leitura e produzir textos escritos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que originalmente as línguas de sinais só podiam ser utilizadas na modalidade sinalizada e que essa é sua modalidade por excelência. No entanto, podemos vislumbrar também vários benefícios da representação das línguas de

---

<sup>4</sup> Nossa tradução de: The gloss is simply a common translation of the sign into an English word, and the semantic, syntactic, and morphological properties of the word and the corresponding sign do not necessarily coincide.



sinais na modalidade escrita, como a ocupação de espaços sociais hoje dominados exclusivamente pelas línguas orais. O uso da escrita das línguas de sinais promove a valorização das línguas de sinais perante uma sociedade grafocêntrica, o desenvolvimento de maior consciência fonológica (sobre as línguas de sinais) em crianças surdas, bem como uma melhor socialização das pesquisas linguísticas e ampliação de suas possibilidades.

Por essa razão, ressaltamos, neste texto, que a escrita de sinais precisa ser uma ferramenta mais utilizada em pesquisas e, principalmente, pelos professores de Libras que, até então, ensinam apenas a modalidade sinalizada da Libras. Na literatura, o ensino de línguas orais, na grande maioria, desenvolve-se em quatro habilidades: produção oral, compreensão oral, leitura e escrita. Todas essas habilidades são trabalhadas nas aulas de inglês, francês, espanhol, entre outras, o que não acontece com o ensino de Libras, por exemplo. Desse modo, é preciso que o professor de línguas de sinais valorize essas habilidades e apresente alternativas para que seus alunos aprendam a língua em suas variadas formas e não restrinja seus espaços de conhecimento.

Se considerarmos que a maioria das línguas utiliza-se da escrita, por que não escrever em Libras utilizando um sistema de escrita de sinais? Por que não permitir que os alunos aprendam a modalidade escrita? Por meio deste artigo, pretendemos convidar professores e pesquisadores da área de Libras a refletir sobre essas perguntas e a reconhecer a importância da escrita nos campos de ensino-aprendizagem, tradução e interpretação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. A. F. FIGUEIREDO, F..J.Q. Interação e colaboração no processo de escrita e reescrita de textos em língua inglesa. **Revista Desempenho**, n. 24, v.1, p. 1-20, 2015

BARROS, M. E. **Proposta de escrita das línguas de sinais**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998.

\_\_\_\_\_. **ELiS – sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARROS, M. E.; FERNANDES, L. A. Projeto dicionário DEIT- Libras em ELiS: Análise da ELiS. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n.1, p. 96 – 109, 2017.



BATTISON, R. M. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Burstonvill: Linstok Press. 1978.

BÉBIAN, R. A. A. **Mimographie**, ou Éssai d'écriture mimique, propre a régulariser le langage des sourds-muets. Paris. 1825. Disponível em: <http://www.cultura-sorda.org/la-mimografia-de-auguste-bebian-texto-completo-en-espanol-edicion-comentada/>. Acesso em: 27. Dez. 18.

BENASSI, C. A. A primeira monografia de pós-graduação *lato senso* do Brasil em ELiS. **Revista de diálogos**, Mato Grosso, v. 2, n. 2, p. 22 – 3. 2014.

\_\_\_\_\_. Visografia: uma nova proposta de escrita da língua de sinais. **Revista Traços de Linguagem**, Cáceres, v. 2, n. 2, p. 71-82, 2018.

FAYOL, M. **Aquisição da escrita**. Trad. Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

FERNANDES, L. A. **A viabilidade da ELiS em vinte línguas de sinais**. 2013. 133 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras: Libras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

\_\_\_\_\_. **ELiS – internacionalização da escrita das línguas de sinais**. Saarbrücken, Alemanha: novas Edições Acadêmicas, 2015.

FERNANDES, L. A. CAMARGO, V. A. O Lobo e Ovelha. **Revista Sinalizar**, Goiânia. v.2 , n. 2, p. 246 – 248, 2017.

FERNANDES, L. A.; VIANA-SILVA L.; EL KHOURI, J. I. A cigarra e a formiga. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n.1, p.112 - 115, 2018.

FIGUEIREDO, F. J. Q. de. **Semeando a Interação**: a revisão dialógica de textos escritos em língua estrangeira. Goiânia: Ed. UFG, 2005.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. Revista Ampliada. São Paulo: Atlas, 2003.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, p. 150-184, 2012.

LINDEMANN, E. A rhetoric for writing teachers. New York: Oxford University Press, 1982.  
MOREIRA, N. R. Restrições gráficas na aquisição da ortografia. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v.3, n.1, p. 1-4, 2001.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Revista de Linguística Alfa**. São Paulo, v. 54, n. 1, p. 265 – 289, 2010.

OLIVEIRA-SILVA, C. M. **A aprendizagem colaborativa de inglês instrumental por alunos surdos**: um estudo com alunos do curso de Letras: Libras da UFG. 2017. 286 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SILVA, T. S. A. **A aquisição da escrita pela criança surda desde a Educação Infantil**. 2008. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008

SPICACCI, A. A. C.; BARROS, M. E. Traduzindo o dialeto do personagem Chico Bento do português para Libras por meio da ELiS. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n.1, p. 40 – 56, 2018.



STUMPF, M. R. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting: língua de sinais no papel e no computador.** 2005. 330 f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

VAN DER HULST, H. CHANNON, R. Notation systems. In: BRENTARI, D. (org.). **Sign Languages: a Cambridge Language Surveys.** Cambridge, UK: Cambridge. 2010. p. 151 – 172.

VAN HERREWEGHE, M.; VERMEERBERGEN, M. Transcription. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B (org.). **Sign language: an international handbook.** Berlin/Boston, De Gruyter Mouton. 2012. p. 1023 – 1045.

VYGOTSKY, L. S. **Obras completas. Tomo cinco. Fundamentos de defectologia.** Havana: Editorial Pueblo Educación, 1983.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.